

## CAROLINA E CASA DE ALVENARIA: UMA INTERPRETAÇÃO DO BRASIL\*

### CAROLINA AND HOUSE OF MASONRY: AN INTERPRETATION OF BRAZIL

Wesley da Ressurreição Conceição 1

Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é pesquisador da Universidade Federal da Bahia, bolsista do projeto EtniCidades: Outras Interpretações do Brasil. Possui curso de nível técnico em Eletrotécnica pela Universidade Salvador (2015). Coordenador do Centro Acadêmico de Pedagogia-UFBA (2016-2018). Coordena o Quilombo Educacional Vilma Reis. E-mail: wesley\_ressur@hotmail.com

**Resumo:** O presente artigo propõe-se analisar a maneira como a escritora negra Carolina Maria de Jesus (1914-1977), interpretou o Brasil através do seu livro *Casa de Alvenaria*, publicado em 1961, livro este que não é o mais conhecido da autora. Tal obra traz importantes reflexões sobre o contexto brasileiro em meados do século XX, o que envolve o surgimento das primeiras favelas da cidade de São Paulo, a diferença socioeconômica entre regiões do país, o descaso do Estado para com as populações periféricas, além das questões de classe e relações raciais. O diferencial é que essas reflexões partem de um lugar social contra-hegemônico, cuja autoria é de uma mulher negra, que frequentou a escola por apenas dois anos, e que é oriunda da periferia. Uma vez que os principais intérpretes do Brasil são homens brancos e de classe média alta, faz-se necessário que outras vozes, outrora silenciadas, sejam trazidas a tona.

**Palavras-chave:** Interpretações do Brasil. Afro-brasilidades. Literatura afro-brasileira. Carolina Maria de Jesus.

**Abstract:** This article aims to analyze how the afro-Brazilian writer Carolina de Jesus(1914-1977) interpreted Brazil through her book *Casa de Alvenaria*, published in 1961, a novel that is not considered the best known of the authoress. This work brings important reflections on the Brazilian context in the middle of the twenty century which involves the emergence of the first shantytowns (favelas) in São Paulo, the socioeconomic difference between regions of the country, the neglect of the State towards the peripheral populations, besides the questions of class and race relations. The difference is that these reflections start from a counter-hegemonic social place whose authorship is of a black woman, who attended the school for only two years, and that comes from the periphery. Whereas the main interpreters of Brazil have been white men from upper middle class, it is necessary that other voices, once silenced, are brought up.

**Keywords:** Brazil Interpretations. Afro-Brazilities. Afro-Brazilian literature. Carolina Maria de Jesus.

\* Este artigo é fruto da pesquisa de iniciação científica intitulada "Carolina e Casa de Alvenaria: Uma Interpretação do Brasil?" desenvolvida pelo autor no projeto EtniCidades: Outras interpretações do Brasil/UFBA, com financiamento da Universidade Federal da Bahia.

“Os saberes produzidos pelos indivíduos de grupos historicamente discriminados, para além de serem contra discursos importantes, são lugares de potência e configuração do mundo por outros olhares e geografias.”<sup>1</sup>

Djamila Ribeiro

## Introdução

Quando se trata de interpretações do Brasil, vários nomes surgem automaticamente em nosso imaginário: Caio Prado Jr., Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Oliveira Viana, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros intérpretes conhecidos. O que a maioria desses nomes citados, senão todos, possuem em comum, são os lugares de enunciação semelhantes. Em suma, são homens brancos, de classe média alta, que analisaram o Brasil em épocas diferentes, entretanto, suas interpretações partiram de um ponto de vista hegemônico, fruto do lugar de onde falavam, constituindo assim, um cânone<sup>2</sup> majoritariamente masculino.

Faz-se necessário pontuar, que a constituição de um cânone acontece de maneira verticalizada: de cima para baixo. Quem os elege e quem os compõe falam sempre de um lugar dominante na sociedade.

Rita Terezinha Schmidt, em *Cultura e dominação: o discurso crítico no século XIX*, diz:

[...] não há como deixar de reconhecer que os cânones literários, no espaço de uma sociedade desigual, são expressões de poder político e social e, conseqüentemente, são índices das relações sociais de dominação que existem naquela mesma sociedade. (SCHMIDT, 1997, p. 85)

Essas “relações sociais de dominação” ditas por Schmidt, dizem respeito tanto as questões econômicas, como as questões de gênero. E, apesar da autora não ter abordado, incluo também como parte integrante dessas relações de dominação o quesito racial, pois, além dos intérpretes canônicos do Brasil serem todos homens economicamente privilegiados, são também de maioria branca.

A ausência de mulheres nas listas de intérpretes do Brasil é tão alarmante, que mesmo em obras que trazem nomes não hegemônicos no cenário sociológico, elas não estão presentes, como é o caso da coletânea publicada pela editora Boitempo em 2014, e intitulada: *Intérpretes do Brasil - Clássicos, rebeldes e renegados*, sendo a mesma organizada por Luiz Bernardo Pericás e Lincoln Secco. Nesta obra, é falado sobre a trajetória de 25 pensadores brasileiros, entretanto, todos são homens. Além disso, é notório perceber a sub-representação dos negros, pois mesmo em se tratando de uma obra que reúne pensadores tidos como “renegados”, podemos observar apenas a presença de um negro, o geógrafo Milton Santos.

Desta forma, tendo em vista essas ausências, proponho-me a analisar uma outra interpretação do Brasil. Desta vez, uma proposta de interpretação contra-hegemônica, feita por uma mulher negra, escritora, poetisa, compositora e oriunda da periferia, que frequentou a escola por apenas dois anos e que viveu em uma São Paulo dos meados do século XX – essa mulher chama-se Carolina Maria de Jesus.

Considero importante explicitar qual o conceito de interpretação será utilizado por mim. Sendo assim, tomarei como base aquele trazido por Kanavillil Rajagopalan. Segundo ele,

A interpretação consiste em uma espécie de explicitação, isto é, um **ato de tornar explícito algo que estaria contido no próprio objeto de interpretação** (porém nem sempre acessível para um sujeito inexperiente). (RAJAGOPALAN, 1992, p. 63, grifo nosso)

<sup>1</sup> (RIBEIRO, 2017, p.75)

<sup>2</sup> “Todo cânone é uma forma institucionalizada através da qual uma determinada cultura determina o que vem a ser a sua literatura representativa, isto é, os textos modelares que recortam a singularidade discursiva e representacional de uma cultura e que vêm a integrar o seu patrimônio cultural.” (SCHMIDT, 1997, p. 84)

No caso de Carolina, tornam-se explícitas, como ela mesma diz, as “agruras” da favela. Agruras essas, que estavam presentes na favela daquela época (e ainda estão nos tempos atuais). Já o “objeto de interpretação”, nesse caso, é o Brasil. O Brasil é o “texto e o contexto” onde está contido esse “algo” que vem a ser explicitado pela intérprete Carolina Maria de Jesus.

Utilizarei como *corpus* da minha pesquisa, o livro *Casa de Alvenaria (1961)*, escrito por Carolina. O livro, que é o segundo publicado pela autora, é um diário, onde ela narra pouco mais de um ano de sua vida (1960-1961), tempo que corresponde ao período em que lança o seu primeiro diário (*Quarto de Despejo*), sai da favela e passa a morar na sua tão sonhada casa de alvenaria. Vale ressaltar que, o fato do *corpus* em estudo ser uma obra autobiográfica, em nada diminui o seu valor sociológico, pois é possível verificar a veracidade do que é narrado pelo autor-personagem. De acordo com Lejeune,

Em oposição a todas as formas de ficção, a biografia e a autobiografia são textos *referenciais*: exatamente como o discurso científico ou histórico, eles se propõem a fornecer informações a respeito de uma “realidade” externa ao texto e a se submeter portanto a uma prova de *verificação*. Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o “efeito do real”, mas a imagem do real. (LEJEUNE, 2008, p. 36)

Sendo assim, os diários de Carolina constituem-se em um potente acervo histórico da cidade de São Paulo do início da década de 60.

Da mesma forma que foi necessário situar o local de enunciação de Carolina Maria de Jesus, faz-se necessário situar o meu lugar de fala ao interpretar as reflexões da autora. Dessa maneira, evidencio que sou um homem negro, nascido na última década do século XX, e estudante de pedagogia de uma Universidade Federal. Desse modo, as reflexões da autora sobre o Brasil estão aliadas a minha interpretação sobre os seus escritos, quase 60 anos depois. Segundo Compagnon (1999),

Quando um texto passa de um contexto histórico ou cultural a outro, novas significações se lhe aderem, que nem o autor nem os primeiros leitores haviam previsto. Toda interpretação é contextual [...] (COMPAGNON, 1999, p. 64).

Não tenho a pretensão de negar, nesta obra, as interpretações outrora realizadas pelos grandes interpretes clássicos supracitados. O que busco é dar visibilidade a outras leituras e a outras interpretações desse Brasil. Mas dessa vez, de um lugar onde as vozes que interpretam são historicamente silenciadas. Este lugar, que se encontra à margem do círculo onde as vozes são consideradas as únicas legítimas, é um espaço que precisa também ter suas vozes ouvidas e legitimadas. Faz-se necessário conhecermos outras narrativas, que não tenham apenas o centro hegemônico como lugar de enunciação, mas que tenham o lugar periférico como potência de criação, interpretação e fala. Segundo Hugo Achugar,

Os homens ou as mulheres da periferia refletem sempre a partir da periferia, e essa marca de sua enunciação atravessa seu discurso problematizando-o, o que não ocorre com o discurso do intelectual metropolitano, mesmo quando todos estão conectados [...]. (ACHUGAR, 2006, p.93).

Assim acontece com Carolina, que por ser uma mulher negra da periferia, traz em seus escritos uma reflexão de diversos aspectos da sociedade brasileira dos anos 50 e início dos anos 60. Tais aspectos referem-se não somente ao contexto da favela, eles vão muito além dela.

Por fim, baseio-me na sociologia das ausências e das emergências, conceitos criados por Boaventura de Sousa Santos (2002) para justificar esse estudo que busca transformar o objeto (refiro-me a interpretação feita por Carolina) tido por um pensamento hegemônico como impossível, em algo possível. De acordo com Santos, a sociologia das ausências:

Trata-se de uma investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, activamente produzido como tal, isto é, como uma alternativa não-creível ao que existe. O seu objecto empírico é considerado impossível à luz das ciências sociais convencionais, pelo que a sua simples formulação representa já uma ruptura com elas. O objectivo da sociologia das ausências é transformar objectos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças. (SANTOS, 2002, p.246)

Santos continua,

Tornar-se presentes significa serem consideradas alternativas às experiências hegemônicas, a sua credibilidade poder ser discutida e argumentada e as suas relações com as experiências hegemônicas poderem ser objecto de disputa política. (SANTOS, 2002, p.249)

Sendo assim, no contexto da minha escrita, trago Carolina Maria de Jesus como uma dessas ausências produzidas, mas que precisa, de maneira emergente, tornar-se uma presença contra-hegemônica que, não anula as presenças hegemônicas, mas que se soma a elas. No que se refere ao campo da literatura, Carolina, ao longo dos anos, mesmo de maneira póstuma vem se tornando aos poucos uma dessas presenças ditas por Santos.

Poderia ser Carolina uma presença também no hall dos intérpretes do Brasil? – é exatamente isso que procuro responder nesta obra, que é fruto de uma pesquisa de iniciação científica, intitulada: Carolina e Casa de Alvenaria: Uma Interpretação do Brasil?

## Sobre Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade de Sacramento, no interior de Minas Gerais, no ano de 1914. Neta de ex-escravo e filha de Maria Carolina que era mãe solteira, Carolina não conheceu o pai. Apesar de não tê-lo conhecido, Carolina descobriu o nome dele ouvindo uma conversa da mãe, como ela mesma relata em *Diário de Bitita*: “Um dia, ouvi da minha mãe que o meu pai era de Araxá, e o seu nome era João Cândido Veloso” (JESUS, 2014, p.14).

Aos sete anos de idade, Carolina começa a estudar no Colégio Espírita Allan Kardec, entretanto só permanece durante dois anos na escola, pois sua mãe precisou retirá-la em virtude de sua mudança para fora da cidade por motivos de trabalho. Apesar de ter tido contato com a escola por apenas dois anos, Carolina aprendeu a ler e escrever.

No ano de 1937, após o falecimento de sua mãe, Carolina Maria de Jesus muda-se para São Paulo, mas dessa em vez em definitivo, haja vista que já tinha tido outras passagens pelo estado. Em 1947, após engravidar de João José, seu primeiro filho, Carolina se vê obrigada a deixar a casa onde trabalhava e passa a viver em um barraco na Favela do Canindé. Como forma de sobrevivência ela começa a catar papel, foi assim que com todas as dificuldades conseguiu criar João José, e os outros dois filhos que teve quando já morava na favela: José Carlos e Vera Eunice. Em 1955, começa a registrar seu cotidiano em diário, e em 1958 é descoberta pelo repórter Audálio Dantas. Com o auxílio de Audálio, em 1960, Carolina lança o seu primeiro e mais conhecido livro: *Quarto de Despejo*. O livro foi sucesso de vendas, e foi traduzido para mais de 17 idiomas. Um ano depois, em 1961, Carolina Maria de Jesus tem o seu segundo livro lançado: *Casa de Alvenaria*. É justamente nesse segundo livro que eu me debrucei para fazer esta pesquisa. Vale ressaltar que, esses dois primeiros livros contaram não só com o apoio de Audálio nas questões burocráticas. Os dois livros foram também editados pelo repórter.

Apesar de ambos os livros serem diários, o segundo livro já não alcançou o mesmo sucesso que o primeiro. Após esses dois, Carolina tem mais cinco livros lançados. *Provérbios* (1963) e o romance *Pedaços da Fome* (1963), sendo que esses já foram lançados em um período em que o sucesso de Carolina já estava em declínio, e por isso tiveram suas publicações custeadas pela própria autora, sem nenhuma ajuda de Audálio Dantas. As outras três últimas obras foram publicações póstumas: *Diário de Bitita* (1986), *Antologia Pessoal* (1996) e *Meu Estranho Diário* (1996).

Além de ser também uma exímia escritora, Carolina era também poeta e compositora. Em 1961 teve o lançamento do Disco *Carolina Maria de Jesus – Cantando suas composições*.

Carolina Maria de Jesus faleceu em 1977, com 63 anos. Passou os últimos dias de sua vida morando em seu sítio, no bairro de Parelheiros- SP. A causa da morte foi uma crise de asma. Morreu a caminho do hospital.

## Casa de Alvenaria

Como já havia dito anteriormente, o segundo diário publicado por Carolina e intitulado *Casa de Alvenaria* será o *corpus* principal da minha pesquisa. Neste livro, publicado em 1961 pela Editora Paulo de Azevedo Ltda, Carolina narra episódios ocorridos em sua vida entre os dias 5 de maio de 1960 e 21 de maio de 1961. Ou seja, pouco mais de um ano. No entanto, apesar de parecer pouco tempo, esse período engloba alguns meses antes da publicação de *Quarto de Despejo* até meses antes da publicação de *Casa de Alvenaria*. Justamente o período em que a vida de Carolina dá uma grande guinada, pois ela torna-se famosa nacional e internacionalmente, sai da favela do Canindé onde morava, e passa a viver em sua tão sonhada casa de alvenaria no Bairro de Santana, na grande São Paulo. A escritora não esconde a sua felicidade em sair da favela, e fala o sonho de morar na alvenaria: “A favela é um quarto de despejo e o meu sonho é residir numa casa de alvenaria. Se eu não soubesse ler teria que ficar na favela até o fim da minha vida” (JESUS, 1961, p.91). Poder morar em uma casa de alvenaria é um sonho não só para Carolina, mas para maioria das pessoas que viviam nas favelas, pois, àquela época, a maioria das moradias eram barracos feitos de madeira, papelão e sacos plásticos. Não havia água encanada, e as instalações elétricas, quando tinham, eram precárias. Segundo a autora, “A casa para um favelado é tão importante que casa, para nós deve ser escrito com letra maiúscula – CASA DE ALVENARIA” (JESUS, 1961, p.100). Mesmo nos dias de hoje, ainda é possível encontrar favelas com moradias análogas as da época em que Carolina vivia, inclusive nos grandes centros urbanos. Muito embora hoje a maioria das residências da periferia sejam construções de alvenaria, as condições de vida das pessoas que moram nessas localidades ainda são precárias, em comparação aos bairros de classe média e média alta, principalmente no que tange as questões de segurança pública. Os índices de violência costumam ser elevados, e uma das poucas intervenções do estado nesses espaços se dá pelo braço armado e violento das forças policiais, que acabam vitimando na maioria das vezes a população negra, que na época de Carolina e ainda hoje é a grande maioria dos habitantes desses locais.

Este livro não atingiu o mesmo sucesso que *Quarto de Despejo*<sup>3</sup>. Entretanto, a menor repercussão de *Casa de Alvenaria* não o torna um livro de menor importância, pois em ambos encontram-se presente análises fundamentais sobre a sociedade brasileira. Tais análises perpassam as questões raciais, de gênero, socioeconômicas, e políticas. A maior diferença entre eles é o fato de que, no primeiro, as análises partem de uma mulher negra que vive em uma favela da grande São Paulo. Já no segundo, as análises tornam-se mais ameaçadoras, pois partem da mesma mulher negra, só que dessa vez em plena ascensão socioeconômica, e que agora mora em um bairro tradicional e de classe média – aqui o olhar da autora alcança com maior nitidez a vida fora da favela. A própria Carolina Maria de Jesus revela em sua escrita certo receio em falar sobre os “ricos”.

Não estou tranquila com a ideia de escrever o meu diário da vida atual. Escrever contra os ricos. Eles são poderosos e podem destruir-me. Há os que pedem dinheiro e suplicam para não mencioná-los. (...) Estes dias eu não estou escrevendo. Estou pensando, pensando, pensando. Quando escrevi contra os favelados fui apedrejada... (JESUS, 1961, p. 83)

A meu ver, a fala de Carolina, que não deixa de ser uma fala-denúncia, torna-se ainda mais potente em *Casa de Alvenaria* por conta desse lugar social, “Agora eu falo e sou ouvida. Não sou mais a negra suja da favela” (JESUS, 1961, p. 17). Acredito que esse tenha sido o fator preponderante para que o livro não tenha atingido o mesmo sucesso do anterior. Ora, para a branquitude, o fato de

<sup>3</sup> Em apenas uma semana, a primeira tiragem de *Quarto de Despejo* que foi de dez mil exemplares se esgotou. Além disso, o livro foi traduzido para mais de 13 idiomas, além de ter sofrido adaptações para o teatro e samba enredo de escola de samba.

uma mulher negra transitar por ambientes que outrora eram frequentados quase que de maneira exclusiva por brancos e ricos, principalmente quando essa mulher negra é uma escritora, causa incômodo. Esse incômodo materializa-se de diversas formas, e em se tratando do campo literário, ele se faz presente nas críticas literárias. A própria Carolina percebe essa realidade, e questiona: “Alguns críticos dizem que sou pernóstica quando escrevo [...] – Será que preconceito existe até na literatura? O negro não tem direito de pronunciar o clássico?” (JESUS, 1961, p. 63-64).

É ingênuo pensar, que tal crítica sofrida e relatada pela autora, não seja fruto de uma visão estereotipada, que enxerga o negro, em especial a mulher negra, como um ser passivo, e que entende que a literatura negra seja algo fora do lugar. Em artigo intitulado *Mulheres Negras Escritoras*, a intelectual negra Florentina Souza pontua,

Podemos afirmar que a escrita de mulheres negras, por muito tempo, foi ignorada pela crítica e entendida como uma textualidade sem valor literário. As escritoras negras e seus textos pareciam estar duas vezes fora de lugar. Ao assumirem a posição de sujeitos da escrita, elas rompem com o determinismo instaurado por séculos que aponta para as mesmas exclusivamente o lugar de serviçais e de objetos. (SOUZA, 2017, p.22)

Ao “romper com esse determinismo instaurado”, as escritoras negras acabam gerando um desconforto a classe hegemônica, haja vista que tal movimento é interpretado como uma ameaça aos *status quo*. Sendo assim, de acordo com a fala de Florentina Souza, e considerando que para Bell Hooks intelectual é “é alguém que lida com ideias, transgredindo fronteiras discursivas porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo” (HOOKS, 1995, p. 468), podemos afirmar que Carolina Maria de Jesus, enquanto intelectual, rasurou as “fronteiras discursivas” impostas às mulheres negras da sua época, através da sua escrita literária. E ela tinha consciência disso: “Eu sei que vou angariar inimigos, porque ninguém está habituado com este tipo de literatura.” (JESUS, 1961, p. 30)

É importante salientar que não só os críticos literários tinham essa visão de que Carolina era “pernóstica<sup>4</sup>”. O próprio repórter Audálio Dantas, no prefácio da primeira edição de *Casa de Alvenaria*, deixa o seguinte “recado” para a escritora,

Finalmente, uma palavrinha a Carolina, **revolucionária** que saiu do monturo e veio para o meio da **gente de alvenaria**: você contribuiu poderosamente para a gente ver melhor a desarrumação do **quarto de despejo**. Agora você está na **sala de visitas** e continua a contribuir com este novo livro, com o qual você pode dar por encerrada a sua missão. Conserve aquela humildade, ou melhor, recupere aquela humildade que você perdeu um pouco – não por sua culpa – no deslumbramento das luzes da cidade. Guarde aquelas “poesias”, aqueles “contos” e aqueles “romances” que você escreveu [sic]. (DANTAS, 1961, p.10, grifos do autor)

Observem que Audálio afirma que Carolina perdeu um pouco da humildade após a publicação do primeiro livro. Mas por que ele acha que ela deixou de ser humilde? Ora, será que para ele uma mulher negra não pode galgar melhores condições de vida? Ou para ele humildade tem alguma relação com subalternidade? – São alguns questionamentos que me faço, mas os quais me abstenho de responder.

Ademais, o repórter Audálio Dantas ainda sugere que a escritora dê por “encerrada a sua missão”. No meu entendimento, o que o repórter deixa transparecer, é que na visão dele, a publicação de apenas dois livros, é o que basta pra Carolina (uma mulher negra e ex-favelada). Digo

4 Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, o termo pernóstico designa: 1. Que ou quem mostra excessiva confiança ou orgulho exagerado em si próprio. = PEDANTE PRESUMIDO; 2. Que ou o que responde ou recalitra, quando censurado; 3. Que ou quem gosta de usar palavras ou expressões difíceis ou pouco usuais e cujo significado, geralmente, não conhece bem. “pernóstico”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <<https://www.priberam.pt/dlpo/pern%C3%B3stico>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

isso, pois, os livros publicados *a posteriori* pela escritora, foram produzidos sem o auxílio de Audálio. Além do mais, Carolina evidenciou em alguns trechos de *Casa de Alvenaria*, o quanto o repórter anulava os seus projetos (JESUS, 1961). Projetos esses que incluíam o fato de ser dramaturga e cantora, como mostra o trecho a seguir: “Eu mostrei os sambas que estou compondo e queria gravá-los. Mas o reporter disse-me que escritor não pode cantar. Que as profissões são divididas – cantor é cantor, escritor é escritor. Eu queria ir para a radio.” (JESUS, 1961, p. 31)

### Reflexões sobre a favela

Ainda falando das análises realizadas pela autora, alguns trechos de sua obra refletem de maneira muito singular sobre alguns aspectos sociais. Em se tratando das favelas, Carolina explica:

Falamos da favela. E porque a favela é o *quarto de despejo* de São Paulo. É que em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós os pobres que residíamos nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o *quarto de despejo* de uma cidade. Nós os pobres somos os trastes velhos. (JESUS, 1961, p. 17)

Esse é um relato de quem estava presente quando a favela do Canindé, a primeira de São Paulo, foi criada. Podemos observar na fala da autora, traços de como opera a biopolítica do poder (Foucault, 2005). Essa biopolítica do fazer viver e deixar morrer é operada pelo Estado, quando ele tenta “higienizar” o centro da cidade para moradia da classe média, em detrimento dos negros e pobres que são despejados para as margens. O Estado deixa (e faz) morrer, quando obriga uma parcela da população a viver desassistida, sem saneamento básico, sem segurança, sem saúde, sem moradia. Essa é umas das facetas do genocídio que vitima a população negra no Brasil, que não por acaso é maioria nas periferias e favelas do país. Essa população periférica é vitima de todo tipo de preconceito, fruto de um estereótipo imposto pelas classes dominantes. Não obstante, a própria Carolina foi discriminada diversas vezes, mesmo após o lançamento do seu primeiro livro. Certa vez presenciou um diálogo entre duas pessoas, onde, após uma delas tê-la chamado de “escritora da favela” ouviu da outra “- Favela não dá escritor. Dá ladrão, tarado e vadio. Homem que mora na favela é porque não presta.” (Op. cit., p. 25). Esse diálogo foi narrado pela escritora em *Casa de Alvenaria* e aconteceu no início dos anos 60. Apesar disso, mesmo passados mais de 50 anos, ainda é comum encontrar reproduções desse estereótipo de que todo sujeito da favela não presta.

A partir disso, cabe refletirmos sobre alguns aspectos relacionados ao que significa viver na favela, e de como os marcadores de classe e raça estão diretamente imbricados nessa realidade. A respeito da população periférica do país, sabemos que ela é substancialmente pobre. Sabemos também, que a pobreza no Brasil tem cor, e essa cor é majoritariamente negra. Dessa forma, ao ouvirmos frases como “homem que mora na favela não presta”, fica parecendo que quem é pobre e mora na favela, o faz simplesmente porque quer. Além disso, a reprodução desse discurso relaciona o sujeito que mora na favela a uma imagem negativa e depreciativa. O que faz uma pessoa a morar nesses espaços é o seu fator socioeconômico. E pobreza não é algo congênito do ser humano, pelo contrário, ela é produzida por diversos fatores socio-históricos. Também é importante ressaltar, que a pobreza sofre influência das relações raciais. De acordo com Ana Flauzina,

A pobreza branca está associada fundamentalmente às mazelas provocadas pela forma de estruturação econômica, assumida desde a modernidade, agravando-se com o advento da globalização. A partir do momento em que a absorção da mão-de-obra se tornou um problema, dentro de uma lógica de consumo e produção que reforça os patamares de concentração de renda e exclusão social em todo o mundo, há uma parcela do proletariado branco que começa a perder o espaço, antes assegurado e incentivado por um conjunto de políticas públicas, e a ter uma redução significativa em termos de renda. Já a pobreza negra não pode ser explicada exclusivamente pelas dinâmicas do capital. Para esse

segmento a pobreza foi construída enquanto possibilidade e utilizada como instrumento para a redução das condições de vida ao longo de todo o percurso histórico. (FLAUZINA, 2006, p. 102-103)

Tendo em vista esses aspectos, e compreendendo a maneira como os marcadores de classe e raça se interseccionam, podemos entender qual o contexto de nascimento das favelas, e é nesse contexto que Carolina passa boa parte da sua vida. Ainda sobre a periferia, a autora relata com bastante lucidez: “[...] a favela é obra de rico. Os pobres não podem pagar os preços exorbitantes que os ricos exigem pelo aluguel de um quartinho. E não podem ficar ao relento” (JESUS, 1961, p.175). Devemos prestar atenção nessas falas da autora. Uma mulher negra que em plena década de 50, com pouquíssimo tempo de escolaridade, faz análises precisas sobre como surgem as favelas e como os seus moradores tornaram-se marginalizados.

Carolina relata ainda como é o cotidiano da vida na comunidade do Canindé. Segundo ela, os principais roteiros conhecidos por favelados são a Santa casa, a central de polícia e os gabinetes de investigações (JESUS, 1961, p.85). Essa realidade descrita por ela demonstra o nível de abandono e descaso sofrido por parte dessa população favelada. Reparem que ela estava falando de meados do século XX, e hoje ainda é possível identificar essa característica presente no dia-a-dia das periferias. As principais intervenções do Estado nas favelas ainda se dão através do braço armado das forças militares. Historicamente, essa parcela da população, principalmente em se tratando da parcela negra, sofre um processo de criminalização por parte desse Estado. Em um artigo intitulado “*A era da inocência acabou, já foi tarde*”, Jurema Werneck fala sobre essa diferença que existe e é produzida entre os lados da branquitude e o lado do povo negro. Segundo WERNECK (2001)

E o outro lado - ou: o lado do outro - vive as cenas de sempre: pobreza; doenças evitáveis e doenças degenerativas tratáveis provocando devastações em corpos e povos; acesso privilegiado ao sistema prisional e aos hospícios.

Quando Werneck fala sobre esse “*outro lado*”, ela refere-se justamente ao lado periférico, e consequentemente negro, que na obra de Carolina é representado pela favela do Canindé.

Outra intelectual que também falou sobre a rotina nesse cenário periférico foi a antropóloga Lélia Gonzales. Segundo ela,

[...] o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. (GONZALES, p.232, 1984)

Nota-se, que a fala de ambas as autoras corroboram perfeitamente com o que disse Carolina em relação ao roteiro conhecido pelos moradores dessas comunidades periféricas: Santa Casa (para tratar questões de saúde) e Central de Polícia.

## Situações Políticas e Econômicas

Além de falar do cotidiano da vida na favela, a escritora também faz análises sobre a situação política e econômica da época. Perguntada por um jornalista o que achava sobre a campanha eleitoral de 1960, Carolina responde: “- Espero que o govêrno eleito colabore com o povo, porque os nossos políticos só interessa pelo povo nas campanhas eleitorais. Depois divorciam-se dos humildes” (JESUS, 1961, p.37). Em outro momento do livro, ao relatar sua visita ao Museu Imperial, a autora escreve:

Naquele tempo o Brasil era pobre, porque o nosso ouro ia para Portugal. Hoje o Brasil é pobre porque as verbas do País não vai para o Tesouro. Vai para os bolsos dos maus políticos que duplicam dia a dia igual as estrelas do céu. (JESUS, 1961, p.67)

Podemos observar facilmente que as críticas feitas por Carolina àquela altura, são ainda atuais e encontram-se no cerne da sociedade contemporânea. Cada dia que passa é mais comum ouvirmos no noticiário casos de políticos desviando verbas do Estado para benefício próprio, e a autora já denunciava isso há quase 60 anos atrás.

Durante viagem a Porto Alegre, ao contemplar as paisagens pela janela do avião, a escritora diz o seguinte,

Ficava pensando: com tantas terras abandonadas e o povo passando fome! Essas terras pertencem aos capitalistas. Ninguém pode chegar e plantar algo sem o seu consentimento. Eles tem dinheiro para pagar a Dona Lei e suas confusões. O mundo para ser bom é preciso que as terras sejam livres. (JESUS, 1961, p.85)

E sugere em seguida: “Porque é que o governo não distribui as terras para o povo? Eu penso isto, mas não digo porque se eu disser isto os capitalistas vão dizer: - A Carolina é vermelha. É ignorante e semi-analfabeta.” (ibidem, p.85). Nota-se que Carolina além de ter a percepção sobre os problemas gerados pelo capitalismo, atenta-se ainda a necessidade de haver uma reforma agrária. Como se não bastasse, ela ainda faz críticas aos fazendeiros (que entendo como sendo hoje o agronegócio). Ao lhe perguntarem qual é a causa das favelas nas grandes cidades, Carolina responde:

Nós os favelados somos os homens do campo. Devido os fazendeiros nos explorar ilimitadamente deixamos as fazendas e vamos para a cidade. [...] Mesmo trabalhando na cidade como assalariado, encontramos dificuldades para viver porque o salário não cobre as despesas. Não há possibilidade de pagar uma residencia decente. Temos que habitar as terras do Estado. (JESUS, 1961, p.91-92).

Será mesmo que podemos continuar a ignorar tais escritos como potência interpretativa de uma sociedade brasileira? Esses dados partem de alguém que vivenciou *in loco* a criação da primeira favela da cidade de São Paulo. De alguém que migrou do interior de Minas Gerais a procura de melhores condições de vida. Atualmente, o êxodo rural ainda é comum, e as denúncias que pessoas do campo fazem a respeito da exploração que sofrem dos grandes latifundiários ainda é constante. Convém ressaltar que tal pratica de exploração é fruto de uma lógica escravocrata que, mesmo depois de tantos anos, ainda reverbera em algumas relações de trabalho, seja no campo ou na cidade.

Por conta de seu pensamento, Carolina era vista por alguns como comunista. Ela relata isso no seu diário,

Disseram que sou comunista porque tenho dó dos pobres e dos operários que ganham o insuficiente para viver. E não tem um defensor sincero a não ser as greves, meios que recorrem para melhorar suas condições de vida. Mas são tão infelizes que acabam sendo presos e dispensados do trabalho. Conclusão: o operário não tem o direito de dizer que passa fome. (JESUS, 1961, p.105)

A escritora, inclusive, era simpática ao governo do cubano Fidel Castro. Em entrevista ao repórter Carlos de Freitas, ao ser indagada sobre o que achava do governo de Fidel, ela responde: “- Adoro o Fidel Castro. Ele faz bem defender Cuba. Os países tem que ser independente. Cada um deve mandar na sua casa” (JESUS, 1961, p.38). E ao ser questionada sobre o que faria se fosse uma governante, ela explica, “Querida dar impulso a lavoura, aproveitar as terras, construir casas com todo conforto e colocar os favelados. Eles trabalhavam nas lavouras e teriam mais conforto moral e físico.” (ibidem, p.38).

Entretanto, considero importante frisar que Carolina não se considerava comunista. Segundo ela, por não ter lido e não ter visto países comunistas, não podia dar opinião sobre o comunismo

(JESUS, 1961).

As diferenças socioeconômicas entre as regiões do Brasil foi outro aspecto que não passou despercebido pelas análises da autora. Durante as suas viagens pelas diversas cidades do país, cumprindo uma agenda vasta de lançamentos do livro *Quarto de Despejo (1960)* a escritora observa como essas diferenças são evidentes entre o norte e o sul do Brasil. Em trecho que fala sobre a sua passagem por Pernambuco, a autora reflete:

Todos queixam da opulencia de São Paulo, o filho legítimo do presidente da Republica. São Paulo e Rio são os prediletos. O Norte e o Nordeste são filhos adotivos. Filhos subnutridos. (...) O Nordeste é o quarto de despejo do Brasil. (JESUS, 1961, p.106)

Naquela época, grandes secas assolavam o sertão nordestino, a atenção dada pelo governo era mínima, e existia um grande fluxo migratório tanto do sertão para as capitais nordestinas, como para o sul e sudeste do Brasil.

### Questões Raciais

Carolina Maria de Jesus era uma mulher negra, e assim auto declarava-se. Em o *Quarto de Despejo (1960)*, ela afirma:

[...] eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta” (JESUS, 2014, p.64)

Entretanto, apesar de mostrar-se orgulhosa por ser negra, Carolina acabava por reproduzir algumas vezes a falsa ideia de que no Brasil havia uma democracia racial. Esse mito da democracia racial tem como grande interlocutor o sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987). Ele difundiu a teoria de que negros, brancos e índios formavam um povo miscigenado e, que dessa maneira, as três raças viviam harmoniosamente. Todavia, sabe-se que isso é uma grande falácia, e que esse mito tinha e tem como principal objetivo escamotear o racismo presente na sociedade brasileira. De acordo com o antropólogo Kabengele Munanga,

**O mito de democracia racial**, baseado na dupla mestiçagem Ideológica e cultural entre as três raças originárias, **tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a idéia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade.** Ou seja, encobre os conflitos raciais, possibilitando a todos se reconhecerem como brasileiros e afastando das comunidades subalternas a tomada de consciência de suas características culturais que teriam contribuído para a construção e expressão de uma identidade própria. Essas características são “expropriadas”, “dominadas” e “convertidas” em símbolos nacionais pelas elites dirigentes. (MUNANGA, 1999, p.80, grifos nossos).

Nesse sentido, em alguns momentos da sua escrita em *Casa de Alvenaria*, por estar sob o efeito desse mito, efeito esse que muitas vezes impede os negros “de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas na sociedade” (MUNANGA, 1999), a escritora Carolina Maria de Jesus escreve,

Creio que devo ficar contente em nascer no Brasil, onde não

existe odios raciais. São os brancos que predominam. Mas são humanos e a lei é igual para todos. Se analisarmos os brancos mundiais, os brancos do Brasil são superiores. (JESUS, 1961, p. 149).

Nota-se que a fala de Carolina, de certa maneira, evidencia o quão frágil e contraditório o mito da democracia racial. Ao mesmo tempo em que diz que não existe ódio racial no Brasil, ela afirma que são os brancos que predominam. Em outro momento, a escritora escreve “Devemos amar este país onde não há preconceito de cor” (JESUS, 1961, p.174) e “Hoje é 13 de maio, dia consagrado aos pretos, que vivem tranquilos mesclados com os brancos.” (ibidem, p.177).

Paradoxalmente, ao passo que acaba algumas vezes reproduzindo esse pensamento, a própria Carolina mostra-se bastante lúcida no que tange a percepção do preconceito racial na sociedade. Em vários momentos, a escritora faz críticas ao racismo aqui e no mundo,

Fiquei horrorizada com as perseguições na África. A África é terra dos pretos, mas os brancos foram para lá assambarcar o território dos coitados. Eu acho que a interferência do branco na vida do negro é só para atrapalhar. Deixa os coitados arrazados. Fiquei com dó do Patrice Lumumba<sup>5</sup>, que podia viver mais uns dias.” (JESUS, 1961, p. 137).

Nesse sentido, Carolina evidencia que a relação entre brancos e negros não é nada harmoniosa, e que existe forte violência por parte da branquitude contra o povo negro. Segundo ela “aqui na terra é assim: o preto quando quer predominar é morto” (JESUS, 1961). Carolina tinha razão. Após ter dito isso, o mundo assistiu ao assassinato de grandes ativistas negros, que lutavam por uma sociedade mais igualitária: o ativista político estadunidense Malcolm X, morto em 1965, o pastor e ativista também estadunidense, Martin Luther King, morto em 1968, e a vereadora da cidade do Rio de Janeiro, Marielle Franco, entre outros.

## Considerações Finais

A produção intelectual de mulheres negras se constitui em um potente arcabouço teórico, pois traz em seu bojo reflexões sobre os mais variados aspectos da sociedade em que estão inseridas. Além disso, tenciona as estruturas machistas e racistas que impõem as mulheres negras um lugar de subalternidade. Segundo a escritora Conceição Evaristo,

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Criam, então, uma literatura em que o corpomulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulhernegra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p. 54).

Sendo assim, Carolina Maria de Jesus “toma esse lugar de escrita como direito” (EVARISTO, 2007) e insere seu nome no hall das grandes escritoras do país.

Em se tratando de interpretações do Brasil, ao longo da história, o cânone que vem sendo

<sup>5</sup> Patrice Émery Lumumba (1925-1961), foi um líder político do Congo. Fundou o Movimento Nacional Congolês e foi o principal líder na luta contra a dominação colonial belga.

constituído é hegemonicamente masculino e branco. Todas as outras vozes foram silenciadas. Mulheres brancas, homens negros e mulheres negras ainda são minoria nesses espaços. As interpretações partem sempre desse lugar hegemônico e acaba por vezes reproduzindo preconceitos, e até mesmo mitos, como a falaciosa democracia racial brasileira, que ajudou a perpetuar o racismo até os dias atuais.

Em sua escrita literária, Carolina produz importantes reflexões sobre o contexto da sociedade periférica paulistana dos meados do século XX, e também da sociedade brasileira de um modo geral. Em seus textos, a autora descortina algumas das relações sociais presentes no Brasil, abordando questões referentes à raça, classe e gênero. Como se não bastasse, vivenciou *in loco* a criação da primeira favela da cidade de São Paulo, e através disso, nos ajudou de certa forma a entender como surgiram outras favelas nas diversas cidades brasileiras. Por ser uma mulher negra, revolucionou o mundo da literatura brasileira ao publicar seus diários que narravam o cotidiano da pobreza.

Sendo assim, é possível concluir que as obras de Carolina, aqui representada pelo livro *Casa de Alvenaria*, contribuem de maneira significativa para entendermos as dinâmicas habitacionais das periferias no século XX, e como algumas relações raciais, de classe e de gênero da atualidade ainda permanecem parecidas com as que encontrávamos a mais de meio século atrás. Carolina denunciava em sua fala a dificuldade que ela enquanto mulher negra encontrou para tornar-se e ser aceita como escritora. Passados tantos anos, é possível ainda escutarmos de escritoras negras a dificuldade em publicar os seus escritos, e ter suas produções reconhecidas. Através dos estudos aqui realizados, podemos atestar que Carolina Maria de Jesus é sim uma intérprete do Brasil, e que sua obra se configura como potente objeto de estudo da cultura brasileira, tornando-se assim, uma alternativa às produções hegemônicas.

## Referências

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**: Cultura Afro-Brasileira, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005. p.52-54.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo negro caído no chão**: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em Direito)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FOUCAULT, Michel. **“Aula de 17 de março de 1976”**. In: Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, p.285-315

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984. Disponível em: <<https://goo.gl/VFdjdq>>. Acesso em: 03 abril 2018.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-479, 1995.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 6ª Ed. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo, 1960

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de interpretação na lingüística: seus alicerces e seus desafios. In: ARROJO, Rosemary (Org.). **O signo desconstruído**. São Paulo: Pontes, 1992.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, RJ : Vozes, 1999.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 63 | 2002, colocado online no dia 01 Outubro 2012. Acesso em: 13 de dezembro de 2017. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/1285>

SCHMIDT, R. T. Cultura e dominação: o discurso crítico no século XIX. **Letras de Hoje**, v. 32, n. 3, set. 1997.

SOUZA, Florentina. Mulheres negras escritoras. **Revista Crioula**, nº 20 - 2º semestre/2017. p. 19-39

WERNECK, J. P. "A era da inocência acabou, já foi tarde". In: **Racismos Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano ed.

Recebido em 24 de novembro de 2018.  
Aceito em 12 de abril de 2019.